

PLEBISCITO NA FLORESTA

Aquela manhã foi atípica na Grandefloresta. Aqui por estas bandas o ciclo da vida se repetia como se a mesmice da selva fosse garantia do alvorecer seguinte. Mudança alguma era bem-vinda; matagal bom era matagal conhecido desde a curva dos igarapés até a forquilha da encruzilhada, do emaranhado do espinheiro até o dossel das castanheiras; sem armadilha de alçapão, ataque de motosserra ou bala perdida. O pouco de novo que vez ou outra se atrevia a mostrar as caras, era visto com desconfiança. A bicharada vivia da própria emoção, sobrava tempo para se acasalar devagar, entre uivos, silvos e zumbidos; uns pelos outros, sem se preocupar com o mundo dos homens. De casamento a batizado, de julgamento a velório, tudo acontecia em torno do Granderio. A isso chamavam de paz no reino.

Até que, uma convocação geral foi encravada em cada tronco de árvore, difundida em cada bico de pardal, para a apresentação de novidades trazidas pela tão propagada modernidade. O corre-corre dos formigueiros e o diz-que-diz em cada balanço de cipó davam conta da grandeza do evento. O pronunciamento do prefeito-leão Fazoquequer seria acompanhado pela benção do padre-girafa Ajoelhaereza e como de costume, ninguém perdia a oportunidade de uma demonstração de fé. Foi convidado para compor o palanque o juiz-chimpanzé Mandaquempe, que andava muito ocioso por estas paragens, orquestrando trovas entre o sarau das cotovias e dos colibris. Assegurando a ordem, a presença do delegado-hipopótamo Prendequeeusolto, figura afamada pelo deita e rola no atoleiro do lamaçal.

O cuco-relógio da palmeira-imperial marcava cinco antes das sete e até os bichos-preguiça Daquiapouco se somaram às tartarugas Sempreatrasadas e chegaram juntos ao local. O grupo dos lobos-guará Horacerta já ocupava a primeira fileira. O coelho Vaicosoutros saiu de casa apressado e deu logo um berro na casa da vizinha lebre Mechamaqueeu para alertar do encontro marcado. No meio do caminho encontraram o mico-leão-dourado Comlicença de mãos dadas com a ariranha Medesculpe e apertaram o passo seguindo o cortejo do rebuliço. Na verdade, ninguém faltou, presentes: o bode Odoresdamata, o javali Porconãosou e a anta Topatudo que jamais negava convite algum.

A revoada de pardais se acorou no chão aos bandos, os três porquinhos e até o filho único pica-pau chegou antes dos pais. Escondidos lá no fundão, como quem quer ver sem ser visto, estavam: o quarteto dos tamanduás Ressabiados, a dupla dos tatus Descontentes e a coruja Olhovivo que nunca saía da toca pela manhã.

Aos poucos a Grandclareira mal deu para conter a aglomeração dos tamanduás-bandeira e dos javalis. Instigado pelo preá Semmodos e pela hiena Sempaciência, já afobados com a demora, o papagaio Muitofalante não se conteve e deu o pontapé inicial intimando o prefeito a abrir os serviços. Foi contido pela sucuri Psiuuuu, que com o pescoço em riste deu ordem de silêncio para evitar um desacato à autoridade.

O prefeito tomou a palavra e sem delongas foi logo anunciando a brisa fresca, que soprava um tempo de mudanças; era chegada a hora de sacudir o tédio do bosque modorrento. Lugar onde nem a raposa trapaceava, o boto não mentia, falcão algum de longe chegava, gavião algum para longe partia. Onde esfrega na mata era só arranca-rabo por disputa de território; galhada na cabeça era coisa de veado, xingamento era balbúrdia entre torcida de araras e maritacas; e, em bate-boca entre formiga e cigarra nem o tucano metia o bico. Na mesma toada: o juiz não julgava e o delegado não prendia; o padre também não confessava; pois, nestas paragens, pecado cabeludo ninguém cometia.

A promessa de campanha da última eleição, finalmente seria cumprida. A era neoliberal dos lucros fáceis estava a caminho. Um acordo foi fechado com o mundo dos homens, que tudo sabem e a floresta se tornaria um grande parque de entretenimento para atrair gringos. Afinal, eles adoram aves raras, animais em extinção e ervas exóticas. Claro que nada seria de graça, haveria cobrança de uma taxa de entrada para cada curioso que viesse em visita. Com a dinheirama toda, os seres da floresta garantiriam a comida de cada dia e uma previdência segura para a velhice. Ninguém precisaria se levantar cedo para caçar; disputa por território não mais existiria: seria demarcado o pedaço de cada animal e terra não faltaria a bicho algum. A catraca de entrada seria montada no portão da prefeitura e controlado pelo chefe de gabinete jacaré Cascagrossa. A recepção, para as comitivas estrangeiras, seria feita pela primeira-dama zebra Peleriscada.

O anúncio indignou e entristeceu a maioria; mas foi ovacionado pelo balido das ovelhinhas sempre tão cordiais; pela algazarra das cigarras, que nada fazem além de cantar e pelo farfalhar da revoada dos morcegos-vampiro, que saíram das catacumbas para espanto geral.

Já o rinoceronte Olhabempromeutamanho e o búfalo Falacomigoprimeiro protestaram com uma tonelada de raiva em cada pata: — isto é invasão de privacidade e ameaça aos nossos direitos adquiridos pela mãe Natureza, desde a selva primitiva até agora. Vai acabar com nossa liberdade. Logo vai ter flora destruída, elefante fazendo acrobacia em circo e animal em extinção.

A cizânia estava armada. Torcida contra, torcida a favor, acharam por bem convocar um plebiscito. Surgiram dúvidas de toda parte na beira do Granderio; reunião nos galhos do jequitibá, no topo da sequoia, no meio do bambuzal, no barranco dos igarapés, no esconderijo das tocas, dentro de cada ninho, no torrão do formigueiro. Surgiu a grande dúvida: — Voto aberto ou voto secreto? O que a bicharada desconhecia era o poder dos conchavos, nunca tinham ouvido falar em compra de votos, cota de bancada; e, até então, toma lá dá cá era só brincadeira entre filhotes. Quando o plenário abriu os trabalhos, foi uma confusão coletiva. Veio gente de muito longe para acompanhar a eleição, uns eram jornalistas e outros observadores de outros reinos. Tinha parafernália de tirar fotos e até homens com fuzil na mão. Foi tamanha a propaganda enganosa, que a floresta acabou virando um parquinho de diversão.

ZUM-ZUM-ZUM